



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PÓS-GRADUAÇÃO – MESTRADO EM EDUCAÇÃO

DISSERTAÇÃO

**UM DISCURSO CLANDESTINO SOBRE SEXO NA
ESCOLA**

Maristela Schein Kellermann

PELOTAS, 2005

MARISTELA SCHEIN KELLERMANN

UM DISCURSO CLANDESTINO SOBRE SEXO NA ESCOLA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS, como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação
Linha de Pesquisa: Ensino e Formação de Professores

Dr. Marcos Villela Pereira
Prof. Orientador

Dra. Rosária Ilgenfritz Sperotto
Prof^a. Co-orientadora

Pelotas, 2005

A Vida

A vida são deveres que nós trouxemos pra
fazer em casa.

Quando se vê, são seis horas !

Quando se vê, já é sexta-feira...

Quando se vê, já terminou o ano...

Quando se vê, passaram-se 50 anos !

Agora é tarde demais para ser reprovado...

Mário Quintana

Agradecimentos

Agradeço ao apoio recebido pelos três homens da minha vida. Meu amante, companheiro e cúmplice, Jonas Kellemann e aos filhos provedores de energia, Gabriel Schein Kellemann e Gustavo Schein Kellemann.

Um Presente

Queixa das almas jovens censuradas

Dão-nos um lírio e um canivete
e uma alma para ir à escola
mais um letreiro que promete
raízes, hastes e corola

Dão-nos uma mapa imaginário
que tem a forma de cidade
mais um relógio e um calendário
onde não vem a nossa idade

Dão-nos a honra de manequim
para dar corda à nossa ausência.
Dão-nos um prêmio de ser assim
sem pecado e sem inocência

Dão-nos um barco e um chapéu
para tirarmos o retrato
Dão-nos bilhetes para o céu
levado à cena num teatro

Penteia-nos os crâneos ermos
com as cabeleiras das avós
para jamais nos parecermos
conosco quando estamos sós

Dão-nos um bolo que é a história
da nossa história sem enredo
e não nos soa na memória
outra palavra que o medo

Temos fantasmas tão educados
que adormecemos no seu ombro
somos vazios despovoados
de personagens de assombro

Dão-nos a capa do evangelho
e um pacote de tabaco
dão-nos um pente e um espelho
pra pentearmos um macaco

Dão-nos um cravo preso à cabeça
e uma cabeça presa a cintura
para que o corpo não pareça
a forma da alma que o procura

Dão-nos um esquife feito de ferro
com embutidos de diamante
para organizar já o enterro
do nosso corpo mais adiante

Dão-nos um nome e um jornal
um avião e um violino
mas não nos dão o animal
que espeta os cornos sem destino

Dão-nos marujos de papelão
com carimbo no passaporte
por isso a nossa dimensão
não é a vida, nem é a morte

Natália Correia, in “O Nosso Amargo Cancioneiro”

Resumo

O fio condutor deste trabalho consiste em mapear através de fotografias um dos escapamentos, vazamentos, que são as escritas/ desenhos ditos “clandestinos” das portas dos banheiros tanto masculinos como femininos utilizados pelos alunos do ensino fundamental e médio do Colégio Municipal Pelotense.

Os escritos/desenhos são modos de expressar desejos que povoam a escola. Penso nos grafites como estratégias, dispositivos, arranjos para as produções de diferenças, tanto em instâncias individuais, como nas coletivas, onde sempre ficam fragmentos, pedaços de nós, resíduos, restos, rastros.

A proposta das fotografias dá visibilidade aos mapas em construção, aos quadros avisos, aos efeitos desta escrita. Escolhi os escritos das portas dos banheiros com o objetivo de dar luz e voz aos modos de subjetivação dos sujeitos afectados, já que no espaço público dificilmente seria possível esta problematização.

Nesta pesquisa, procuro dizer e fazer ver algumas subjetividades e sexualidades, não como uma forma única que construímos, carregamos e incorporamos. Busco outros sentidos para pensar as sexualidades e o sujeito, centrando-se no dispositivo da sexualidade. As técnicas de controle e intervenção sobre os corpos sempre viabilizam escapamentos. Este escapamento tem o corpo máquina como veículo de passagem dos fluxos e enredos.

Palavras chave:

Subjetivação – Corpo – Sexualidades – Escrita – Desejo - Dispositivo

Abstract

The aim of this work was to map, through photographs, the overflowing of boys and girls who write words and draw 'clandestinely' on the doors of their toilets at Pelotense School.

Written words and drawings are ways of expressing school boys' and girls' desires. They are strategies and devices to produce both individual and collective differences and when we write or draw we always leave fragments, pieces of ourselves, our trails.

Through the photographs we can visualize the maps being built, pinboards and effects of writing. The written words and drawings on the doors of toilets were chosen in order to show ways of subjectivity of the people affected, since this questionable topic is unlikely to appear in a public place.

In this work subjectivity and sexuality are shown not as na only thing we build, carry and incorporate. Other meanings of thinking mainly sexuality and the subjects are studied. Techniques of controlling and intervening in bodies always help overflowing. This overflowing has the body as a vehicle of passage of flows and problems.

Sumário

1 Apresentação.....	09
2 Um Pouco de Mim	16
3 Corpo Máquina – Veículo de Atualização	20
4 Sexualidades – Dispositivos de Subjetivação.....	26
5 Desejo: não como falta, mas como produção.....	34
6 Escrita Menor.....	37
7 Movimentos	41
Referências Bibliográficas.....	43
Anexo	47

1 Apresentação

Labirinto
Não haverá nunca uma porta. Estás dentro
E o alcácer abarca o universo
E não tem nem anverso nem reverso
Nem extremo muro nem secreto centro.
Não esperes que o rigor de teu caminho
Que teimosamente se bifurca em outro,
Que obstinadamente se bifurca em outro,
Tenha fim. É de ferro teu destino.
Como teu juiz. Não aguardes a investida
Do touro que é um homem e cuja estranha
Forma plural dá horror à maranha
De interminável pedra entretecida.

Jorge Luis Borges

Escrever uma dissertação é tentar dançar a dança de um pensamento articulado, do pensamento sofisticado que se pratica na academia.

As palavras surgem como a dança em Nietzsche¹ ocupando um lugar, talvez seu lugar, o de origem, como se sempre estivesse ali. Mistério da escrita, que acolhe o outro desconhecido, emprestando o vazio para lhe dar amparo.

“Quero a palavra que sirva na boca dos passarinhos”, diz o poeta Manuel de Barros. A criação se dá num meio, no vazio, onde a força passa. O papel acolhe a força das palavras, nós escolhemos aquelas que suportamos, sempre deixando pedaços de nós.

No transitar das palavras nos encontramos. Realizamos conexões, colocamos em funcionamento diversos fluxos que nos atravessam e geram alterações. Waltércio Caldas, artista plástico, comenta que os livros, os espelhos e os relógios

¹ Gilles DELEUZE. Nietzsche e a filosofia.

carregam algo em comum: falam do ser humano. Podemos complementar dizendo que tudo que é produzido pelo ser humano fala do ser humano.

O ser humano, colocando em funcionamento os fluxos, transitando pelas palavras, rasgando-as ou quebrando o espelho na tentativa de experimentação e composição de outras possibilidades, aguça o exercício da desacomodação.

O que somos não nos pertence, somos um contingente de forças. Forças como potência, potência de fragmentar e recompor, como se tudo pudesse ser transformado num quebra-cabeça que, ao juntar, forma a idéia do incompleto.

Força como a de uma máquina², somos máquinas, estamos sempre plugando e colocando em funcionamento infinitas conexões que vão produzir sentido e articular mecanismos. Estes mecanismos funcionam como compartimentos que possibilitam o funcionamento do processo. Os processos são conjuntos de possibilidades que movimentam o motor e, ao plugarmos em pessoas, em idéias, em qualquer coisa, colocamos dispositivos em funcionamento e nos fabricamos múltiplos. Afetamos³ todo o tempo. Estamos sendo afetados pela luz do sol, por nossa memória, tudo isso nos afeta e estamos afetando os outros. E o que acontece quando afetamos e somos afetados? Sofremos interferências, agregamos ou modificamos as composições, fazemos movimentos, mudamos nosso rumo como quem desvia ou fabrica um novo caminho, quando o caminho está fechado. Afetamos, nos deslocamos, deslocamos os outros.

É com o meu corpo máquina que experimento processos de subjetivação, desterritorialização/reterritorialização, e é ele quem oferece a complexidade,

² Conceito, trabalhado por Deleuze e Guattari, que nos fala de um complexo de mecanismos que dependem de articulações para que possam funcionar. É um sistema de acoplagem que produz alguma coisa: desejo, enunciado. É tudo o que entra em funcionamento para transformar algo. A noção de máquina vem para contestar a idéia de estrutura, como aquilo que resta, que perdura, que se mantém e garante a permanência daquilo que estrutura.

³ Afecto é um efeito de potencial, do estado inicial e do estado final. É o que Deleuze e Guattari (1997, p. 79) chamam de descarga rápida da emoção, é revide, ao passo que o sentimento é a emoção sempre deslocada, retardada, resistente. Os afectos são projéteis, tanto quanto as armas, ao passo que os sentimentos são introspectivos como as ferramentas. Portanto, duas pessoas podem, ao mesmo tempo, ser diversamente afetadas, e, por consequência, podem ser afetadas por um só mesmo objeto. Além disso, o corpo humano pode ser afetado, ora de uma maneira, ora de outra, e consequentemente, pode ser afetado por um só e mesmo objeto em tempos diferentes (ESPINOSA, 1997, p.313). Os afectos devires: ora eles nos enfraquecem quando diminuem nossa potência de agir e decompõem nossas relações (tristeza), ora nos tornamos mais fortes, quando aumentam nossa potência e nos fazem entrar em um indivíduo mais vasto ou superior (alegria) (DELEUZE, 1998, p.74).

favorecendo a multiplicidade, emergindo condições atuais⁴ de percurso. Demandando neste percurso a necessidade de dobrar-me, não apenas sobre a pesquisa, como também sobre mim mesma. Pensando tais dobras e tentando encontrar formas e forças de linguagem adequadas para descrevê-las, de maneira que possam ter uma razoável visão de seus territórios, linhas, dispositivos, agenciamentos. Nietzsche nos diz: a escrita funciona como uma flecha, um pensador a atira, assim como no vazio, para que outro a recolha e possa, por sua vez, também enviar a sua em outra direção.

Esta dissertação vem possibilitando degustar processos de subjetivação⁵, invenção de espaços de experimentação, de outros jeitos de pensar, falar, olhar, escrever e viver. Um espaço de improviso, do inusitado, do jogar-se no vazio e sentir a potência da vida. Experimentando a vida sem formas de vida, uma vida informe, sendo reinventada a cada novo dia. Foucault escreveu: “o difícil é sair-se do que se é, para criar outros possíveis de ser”.

Este trabalho é uma espécie de experimentação caleidoscópico⁶, cujo fio condutor são as subjetividades com olhar para as sexualidades. Tive como desafio apresentar a porta dos banheiros onde são inseridos textos, grafites, códigos, palavras, imagens, números, desenhos, “escritos clandestinos⁷”.

Deste modo, os escritos das portas são objetos de evidência, eles compõem os modos subjetivos não públicos. Os dados foram fotografados em uma escola pública municipal da cidade de Pelotas.

⁴ Significado de atual, junto com Deleuze (1990): “O atual não é o que somos, senão o que vamos sendo, o que chegamos a ser, quer dizer, o outro, nossa diferente evolução”. (p.159)

⁵ Michel Foucault abre esta via de teorização assinalando que os processos de subjetivação podem ser considerados como uma terceira dimensão dos “dispositivos”. Estes processos são singulares e se produzem por multiplicidades e nada têm a ver com a “vida privada”, mas designam a operação pela qual os indivíduos ou comunidades se constituem sujeitos, à margem dos saberes constituídos e dos poderes estabelecidos, podendo dar lugar a novos saberes e poderes. É por isso que a subjetivação é uma espécie de dobra, dobramento e redobramento. Observa Foucault que, em muitas formações sociais, não são os senhores que constituem focos de subjetivação, mas os excluídos. (DELEUZE, 1996, p. 189).

⁶ Aparelho que, por certa disposição de espelho, cria inúmeras figuras, rompendo com a linearidade e a causalidade.

⁷ Utilizo o termo clandestino como maneira de apresentar de um outro jeito o que circula na escola.

Esta pesquisa centra-se no dispositivo das sexualidades, que, segundo Foucault (1993,p.101): “Tem, como razão de ser, não o reproduzir, mas o proliferar, inovar, anexar, inventar, penetrar nos corpos de maneira cada vez mais detalhada e controlar as populações de modo cada vez mais global“ .

O estudo de Foucault sobre o dispositivo das sexualidades está intimamente relacionado com a análise que ele faz do desenvolvimento daquilo que ele vê como a sociedade disciplinar, que é característica das formas modernas de regulação social, uma sociedade de vigilância e controle. As técnicas de controle e intervenção sobre os corpos sempre viabilizam escapamentos. Podemos pensar os diversos escapamentos que acontecem na escola: os alunos pulam o muro para gazear as aulas, vão sem uniforme, escrevem nas classes e paredes, colam nas provas, jogam bolinhas de papel, jogam giz, mandam bilhetinhos, chegam atrasados nos períodos. Essas práticas são rituais e práticas de resistência. McLaren (1991) auxilia-nos a compreender o funcionamento da escola numa sociedade capitalista, enfocando o estudo sobre ritual:

Adotei uma perspectiva de ritual que tenta levar a sério os conceitos de poder e dominação, que considera o ritual uma produção cultural construída como uma referência coletiva ao simbólico e à experiência localizada da classe social de grupo. De acordo com isso, um ritual será considerado como um evento político e como parte das distribuições objetificadas do capital cultural dominante da escola (por exemplo, sistemas de significado, gostos, atitudes e normas que legitimam a ordem social existente). (p.30)

Mapeei um dos escapamentos, vazamentos, que são as escritas nas portas dos banheiros porque são modos de expressar “desejos” que povoam a escola. Nesta pesquisa, procuro dizer e fazer ver algumas sexualidades, subjetividades, não como uma forma única que construímos, carregamos e incorporamos. As subjetividades mantêm-se neste movimento de constante criação, embora sendo capturada pela reprodução hegemônica e estereotipada.

Refiro-me à construção das subjetividades, mas sabemos que somos perseguidos por um modelo de estabilidade e permanência desejada pela sociedade contemporânea. Procuro buscar outros sentidos para pensar as sexualidades e o

sujeito. Sujeito em ação e constante transformação sempre produzindo diferenças⁸, rompendo com a modelagem instituída pela nossa sociedade.

O lócus de estudo e objeto de investigação desta pesquisa qualitativa, foi os escritos/grafites/desenhos das portas dos banheiros do Colégio Municipal Pelotense. Esta escola foi escolhida intencionalmente por ser uma instituição que atende alunos de diversos bairros da cidade de Pelotas, esta amostra diversificada apresenta um pouco da realidade de vida e condições culturais do contexto social que está inserido o aluno.

O procedimento de pesquisa é a apresentação das fotografias tiradas das portas dos banheiros do Colégio Municipal Pelotense para pensarmos este outro espaço de criação, produção de diferença, de invenção aos modos de subjetivação. Foram fotografadas as portas dos banheiros utilizados pelos alunos do ensino fundamental e médio, tanto as portas dos banheiros masculinos como a dos banheiros femininos, elas foram fotografadas independentemente de horário, turno ou dia sendo um total de 08 portas. O método da coleta de dados através de fotografia teve o viés da pesquisadora, que apresenta o que consta em cada porta, porque o que interessa não é o que, e sim, como funciona. A proposta das fotografias deu visualidade aos mapas em construção, aos quadros avisos, aos rastros e aos efeitos desta escrita.

Escolhi os escritos/grafites/desenhos das portas dos banheiros com o objetivo de dar luz e voz aos modos de subjetivação dos sujeitos afectados, já que no espaço público dificilmente seria possível esta problematização. Não interessa quem fez o desenho ou a escrita, e sim que existe a expressão, o desenho, o desejo⁹. O que está sendo estudado é o efeito que a escrita produz a composição e a continuação dos mapas, e não a escrita em si. Penso nas expressões escritas como estratégias, dispositivos, arranjos para as produções de diferenças, tanto em instâncias individuais, quanto nas coletivas, onde sempre ficam fragmentos, pedaços de nós, resíduos, restos, rastros. Estudando os efeitos dos processos de

⁸ Deleuze e Guattari: ruptura com a homogeneidade, afirmação das múltiplas vias de existência.

⁹ Deleuze refere-se a Proust quando ele diz que o desejo por uma mulher não é tanto desejo pela mulher quanto por uma *paysage*, uma paisagem, que está envelopada nesta mulher. Ou, ao desejar um objeto, um vestido, por exemplo, o desejo não é pelo objeto, mas pelo contexto global, pelo agregado, “eu desejo *em* um agregado”.

subjetivação e o como somos deslocados de lugar com a força, a potência e o vigor que tem a palavra; a palavra como conectora de fluxos.

Penso os textos/desenhos/grafites das portas dos banheiros como dispositivos ou linhas de fuga em construção sabendo que os dispositivos continuam se modificando e se multiplicando, experimento visualizar como funcionam os discursos sobre sexo nas escolas. Tento descrevê-los em termos de suas operações poder/saber, das regras de controle dos corpos e os modos de subjetivação.

Esta pesquisa segue uma trilha de problematização no sentido atribuído por Deleuze (1992), do nascente, do novo, do que está em via de se fazer, em direção de um outro fluxo, para narrar, dentro de outra possibilidade discursiva, tais práticas escolares. Meu propósito é que ela se torne “uma referência flecha” possibilitando para outros pesquisadores a tessitura de problematizações. Minhas intenções foram as de mostrar como estas encruzilhadas inerentes no meio escolar se entrecruzam, tentando dizê-las e pensá-las de outros modos.

Retomando a epígrafe enunciada quando iniciei a apresentação desta Dissertação, em o “labirinto” de Jorge Luis Borges, ele nos diz que:

Não possui nunca uma porta, nem externo muro, anverso ou reverso, nem centro, ou fim. É no labirinto que venho circulando minha pesquisa, ela nasce da insatisfação do já sabido, acredito que só assim, a experiência de pensamento cria uma nova política de verdades, colocando em funcionamento outra máquina de pensar, de atribuir e produzir sentido, de se interrogar em que sentido há sentido.

Partindo deste pressuposto, construí uma investigação pelo avesso¹⁰ e destaquei outras redes de produção de sentido, dando visibilidade às crenças, aos princípios, às consolidadas e confortáveis práticas teóricas pedagógicas estabelecidas. É neste impasse e determinado estado de paixão¹¹ que distendi o elástico e vi onde outros sentidos podem fazer sua morada, mesmo que seja provisória.

¹⁰ Utilizo este termo como uma maneira de ver as sexualidades por outro viés.

¹¹ Estado de paixão, definido por Foucault: “ (...) há momentos fortes e momentos fracos, momentos em que isso é levado à incandescência, em que isso flutua, é uma espécie de instante instável que se prolonga por razões obscuras, talvez por inércia” (apud Deleuze, 1992, p.107).

Esta pesquisa de Mestrado construiu no constante provar de si e dos outros, degustando lentamente cada gole provado. No transcorrer desta trajetória, colam-se pedaços, grudam-se pedaços dos outros, os outros carregam, levam pedaços de nós e novos pedaços chegarão.

Se a repetição existe, ela expressa ao mesmo tempo uma singularidade contra o geral, uma universalidade contra o particular, um extraordinário contra o ordinário uma instantaneidade contra a variação, uma eternidade contra a permanência.
(Deleuze, 1968, p.9)

2 Um Pouco de Mim

Quantos seres sou eu para buscar sempre do outro ser que me habita as realidades das contradições? Quantas alegrias e dores meu corpo se abrindo como uma gigantesca couve-flor ofereceu ao outro ser que está secreto dentro de meu eu? Dentro de minha barriga mora um pássaro Dentro do meu peito um leão... (Lygia Clark, carta a Mário Pedrosa -1967)

Levar o leitor à compreensão das razões da escolha desta pesquisa tenciona-me a situar de onde falo e venho. Remete-me a pensar não na linearidade de uma formação acadêmica, mas, no processo que tenho vivenciado no percurso deste caminho, Mestrado em Educação, melhor dizendo na área da subjetividade como orientanda do admirável Marcos. Há, vários Marcos, mas um, o Marcos Villela Pereira deslocou-me instigando ver a vida por outro viés e dizia citando Lygia Clark: "O caos gera vida o hábito a ordem". Tento trazer a escrita como maneira de mencionar os deslocamentos agenciados neste período de encontros e afecções que este mestrado assolou-me, como uma avalanche de mudanças.

Tenho vivido a diferença e a singularidade presente a cada encontro de orientação. As idas e vindas das discussões teóricas, preocupações, angústias, sustos, medos, fantasmas que assombram a reformulação do texto. Os avanços e os retrocessos na construção do conhecimento.

Insegurança de experimentar o inusitado, o inesperado que foi a orientação via e-mail. O orientador mandando suas contribuições teóricas, tentando deslocar o orientando da suposta estabilidade, dizendo: "Ruim é ter que se mexer e ajeitar a vida pra dar lugar ao desconhecido, remexer tudo do lugar e experimentar..." Experimentei um outro espaço de ter orientação, mas senti a necessidade de ter alguém fisicamente presente para discutirmos todo o referencial teórico que está servindo de suporte para esta pesquisa. Delineou-se a possibilidade de co-orientação. Aparece aquela sensação de tranquilidade. Só que nem sempre vem a calma, neste meio surgem tumultos, e-mails, percalços e diálogos com colegas. Dúvidas se instalaram. O caminho foi sendo refeito e outras de mim foram surgindo,

até finalmente a confirmação. Decidi a co-orientadora. Alívio... Só momentâneo, amenizam as angústias e a produção acadêmica revigora, retoma o delineamento de outros passos, talvez diferentes.

Todo o funcionamento da instituição e a pressão da formalidade acadêmica me consomem. A luta comigo mesma para não entrar na subversão da universidade, tentando ser, ao mesmo tempo, subversiva.

Leituras indicadas, problematizações reformuladas foram aos poucos remetendo e remexendo minha experiência profissional como pesquisadora. Meu corpo delineou-se num território de experimentações, uma fronteira a ser vencida, explorada e jogando-se a abri-lo ao imponderável. Fui vivendo o caminho do Mestrado, especificamente deste Mestrado nesta linha de pesquisa que enfoca a subjetividade. Todo este processo de transformação aparecia dia-a-dia na minha vida. Escolhas foram sendo feitas e refeitas, sinto meu corpo como um vulcão em erupção, de tudo que estava escondido de mim mesma, desde a escolha de ser mãe novamente, após 14 anos, até optar profissionalmente por outra área de atuação na educação. Hoje embora as velocidades dos movimentos da vida, os vários eus que ocupam meu corpo; sinto vaporando pelos poros a felicidade deste belo momento. Ter uma tribo habitando meu eu, desde a estudante, pesquisadora, mãe, mulher, professora, esposa, filha, profissional, remete-me a trajetória da minha vida.

Retornar à minha história com o objetivo de reviver situações que marcaram é, ao mesmo tempo, dar sentido a outras que a partir de então significam algo mais na construção de novos caminhos. Lanço-me à fase da adolescência vivida no interior de uma cidade da região do Vale dos Sinos, lembro dos discursos que minha mãe verbalizava referente à sua percepção sobre a sexualidade feminina: “Pirulito lambido ninguém mais quer”, “Não vai virar pastel de rodoviária”, “Seja a moça de sempre”. Essas falas ficaram registradas em minha memória.

O tema das sexualidades esteve colado em minhas inquietações da juventude, jogando-me, assim, a falar da sensação dos fluxos que pediam passagem ao meu corpo. Percebo que toda a pressão familiar acionava em mim um dispositivo de jorrar como um cano que sempre vaza, o sufoco da repressão. Utilizava-me de escritos. Comecei no famoso diário, aquele com cadeado e chave, guardado bem escondido no fundo da gaveta onde ele passava a ser meu

confidente, tendo uma força expressiva dos sentimentos, para, após, ser uma escritora e leitora das portas dos banheiros na escola.

Os escritos do diário já expressavam o desejo de aventurar-me pelo mundo descobrindo outros universos, sonhava em morar na capital, trabalhar e ter uma boa remuneração. Lembro de um momento que estava em cima de uma árvore e visualizava distante a rodovia que era o caminho para a cidade de Porto Alegre, observava o ônibus da empresa Citral passar em direção a cidade dos meus sonhos, neste instante meus pensamentos foram junto, como se naquele momento eu já estivesse realizando o imaginado.

As situações que aconteciam eram registradas no meu confidente diário, escrevia para ir compondo e recompondo as memórias da vida, escrevia por vontade de imprimir nas folhas o que assolava no pensamento. O pensamento nos lança para fora da ordem dada e podemos chegar ao mundo da diferença.

Escrevia para amenizar o turbilhão de sentimentos, a escrita permitia abrir novos canais de pensamento e criação. A escrita é uma porta aberta para os devires, nela beiramos o reino do informe, nos aproximamos do outro de nós mesmos. Para Blanchot, a escrita é uma forma de dar conta da impossibilidade de viver a desestabilização demasiado intensa.

A escrita é a abertura para o fora, por meio dela se vai ao encontro com o estranhamento. Quando se escreve com intensidade, com os devires, se inventa uma língua nova, para um povo que falta, que ainda não somos.

A escrita dava aquela sensação de força e poder, o escrever escondido, pegando o lápis dos olhos, o batom, deixando impresso na porta os devires. Após retornar naquele espaço e ver o que havia produzido. Esta era a máxima, ter deixado a minha marca, ter registrado a minha passagem, passagem do turbilhão de sensações que vasavam do meu corpo.

Remetendo ao meu corpo, abro o leque da experiência na área educacional que foi sendo referendada a necessidade de explorar outras possibilidades e conhecimentos sobre sexualidades. Quando terminei o curso de graduação em Pedagogia - Habilitação Orientação Educacional no início do ano de 1992, comecei a trabalhar como Orientadora Educacional no Serviço de Orientação Educacional (SOE) de duas escolas particulares em Porto Alegre, Escola Rainha do Brasil e

Colégio Nossa Senhora das Dores. Entre várias funções do setor, uma delas era dar suporte aos professores que buscavam constantemente, além de apoio, as famosas receitas, respostas, soluções uma busca de verdades. Os assuntos que mais polemizavam a educação eram (e são): Limites, Agressividades e Sexualidades. Aparecia a constante preocupação de como lidar com estas questões que vertiam no meio escolar.

No curso de Pós-graduação em Psicopedagogia andei perseguindo o assunto que deu ensejo a outras possibilidades diante da vida. Principalmente pelas compreensões diferenciadas que advinham do diálogo com os colegas da academia proporcionado pelo acesso ao conhecimento.

Justifico, assim, a escolha do tema de pesquisa, que há tempo povoa meus pensamentos causando-me dúvidas, angústias e desconfortos. Não quero e nem pretendo conforto, mas sim subsídios teóricos para lançar-me à instabilidade da incerteza. Como nos diz Borges : “Não esperes que o rigor de teu caminho que teimosamente se bifurca em outro, tenha fim. É de ferro teu destino”.

Repenso a escola como campo de potência/força, que tem como premissa promover um espaço de discussão que possibilite elucidar questões importantes sobre o corpo, os modos de subjetivação dos sujeitos e pensar para além do conhecimento, pensar a Vida sendo Vivida.

3 Corpo Máquina – Veículo de Atualização

Corpo, espaço de acolhimento, lugar de recebimento, conector de fluxos, transmissão, passagem. Veículo de forças, sensações, multiplicidades e potências que dão visibilidade a gestos e atos. O corpo ganha vibração e funciona como passagem de enredos.

Tem uma territorialidade constituída, mas não estabelecida, tem um organismo que efetiva a ação dos órgãos em pequenos territórios e constitui um grande território. Todo corpo tem a constituição de um organismo numa organização. Este organismo é um conjunto de sistemas que opera pela repetição nesta organização que se encontra encharcada de pulsão.

O corpo pode ser usado como objeto, ele tem limites na sua organização. O nosso corpo desterritorializa e se reterritorializa; ele passa fazendo isso o tempo todo. Só que ele desreterritorializa e, para se reterritorializar, ele se arranja se agencia, lança mão de dispositivos, repete, atrofia, colapsa, mimetiza, fabrica corpo sem órgãos¹².

Esta pesquisa acadêmica estuda os fluxos do corpo por meio dos escritos/grafites das portas dos banheiros. Eles apontam alguns movimentos de desterritorialização, reterritorialização e subjetivação, ou seja, mostram desejos. Pode-se dizer que nós fabricamos diariamente inúmeros corpos sem órgãos que aumentam de intensidade, se territorializam, se desterritorializam e se reterritorializam.

¹² Corpo sem Órgãos é um conceito de Artaud, que, no dia 28 de novembro de 1947, declara guerra aos órgãos, trazendo a imagem do corpo que expulsa os órgãos, o organismo que só repete. Deleuze (1996), diz que o CsO são estes corpos anexos que criamos em resposta a esse inédito que pede passagem, aos processos de subjetivação. Conceito de Deleuze e Guattari, por intermédio do qual criticam a organização da subjetividade onde haja imposição de funções dominantes e formas hierarquizadas, ou organizadas de tal modo que atenda a determinados fins. O CsO não é um lugar ou mesmo suporte de algo, é matéria intensiva não estratificada, campo de imanência do desejo. Do CsO advêm nossas escolhas e práticas segundo a máquina abstrata que as traça, nos dando significação e subjetivação, de forma que se pode ter um ou vários. É sobre ele que o eu se assenta. (DELEUZE; GUATTARI, 1995 b, p.9-29).

Este processo de subjetivação engendra um sujeito que se cria como um efeito desses dispositivos que afetam seu corpo. Ao escrever nas portas dos banheiros, há a criação de um corpo sem órgãos, um dispositivo que ajuda na subjetivação. Ao escrever, o corpo expulsa os órgãos se rebelando contra o organismo contido nessa organização. Todo este processo de criar corpos sem órgãos, de afetar e ser constantemente afetado é considerado por Guattari e Deleuze um grau de potência que se define por um modo de correlação, plano conectivo, combinatório; que se equivale a um poder de afetar e ser afetado. Compondo este corpo garantem a ele a cada instante, afecções que preenchem seu poder.

Deleuze chega a perguntar o que pode um corpo, equivalendo a perguntar qual sua estrutura, como ele se compõe com esta estrutura? Deleuze debruça-se sobre o sistema “corpo”, que se define por um modo de pôr em relação, um poder de afetar e ser afetado, um conjunto de afecções que tanto o definem, quanto este conjunto de afecções é tomado por ele como seu objeto, ponto de incidência de intervenção.

Nas expressões escritas/grafitadas nas portas dos banheiros há segredinhos, excitações, recados, ficções que dão passagem a modos de ser não-públicos dos sujeitos que as escrevem. Elas revelam, dizem do que não pode ser dito em outro lugar, possibilitam expressar as sensações que circulam no próprio corpo de quem escreve.

Esta não é apenas uma sensação nova ou um conjunto de sensações inusitadas, é também uma maneira desconhecida de sentir, como se o corpo se metamorfoseasse se proliferando.

Assim, o corpo é um operador de processo que a todo instante se individualiza, conforme Gil (1997). Os escritos/grafites das portas dos banheiros possibilitam singularizações¹³. O corpo está em constante metamorfose que a todo instante se transforma, muda, inventa, cria e produz.

¹³ Singularizar, aqui, é tomado, como nos sugerem Deleuze e Guattari, como produção da diferença, ruptura com a homogeneidade, afirmação das múltiplas vias de existência.

Esta individuação que menciono seria como diferença remediável, como finitude. Finitude do ponto de vista da vida. Finitude porque as palavras estão vivas. Os desenhos e as expressões escritas mostram a vida em movimento.

Sendo assim, o corpo passa a ser acionado quando é abalado por um acontecimento¹⁴ e entra em movimento de expressão que pode ser através da escrita. Ele entra em devir, brota sexo por todos os poros. Vira um vulcão e ele precisa expressão, precisa dar voz à pulsão que o atravessa. Como não vai sair transando, com alguém, acaba compondo com a porta. Como o cavaleiro que, para virar uma coisa só com o cavalo, mete o pé no estribo e cavalga.

O modo como o sujeito é capturado depende da história de vida, do jeito como o sujeito vê, nomeia ou é nomeado. No processo de subjetivação a gente pode se tornar da mesma maneira, não se tornar mais o mesmo, serão diferentes, um novo de nós surge. Assim o corpo funciona como acionador dessa escrita das portas dos banheiros.

Michael Foucault (1987) descreve o corpo como objeto e alvo de poder, sendo útil, inteligível, analisável, manipulável. Os corpos dóceis consistem na utilização de métodos que permitem um controle minucioso sobre o corpo do cidadão por meio dos exercícios de domínio sobre o tempo, o espaço, o movimento, os gestos e atitudes, com uma única finalidade: produzir corpos submissos, exercitados e dóceis. Tudo para impor uma relação de docilidade e utilidade.

A sociedade tinha o controle disciplinar dos corpos utilizando técnicas como a construção de quadros a partir do cercar, quadricular, do localizar funções e de localizar no espaço, do controle de horários, da aprendizagem corporativa e das combinações de forças a fim de produzir tipos de individualidades, uma individualidade dotada de características necessárias para o funcionamento daquela sociedade.

Este controle refletia em todos os lugares onde havia concentração de pessoas como os exércitos, as escolas e os hospitais. O fundamental era o controle

¹⁴ Acontecimento para Deleuze é a afecção que desencadeia um colapso para dar espaço ao outro que vinha se produzindo, é o elemento que faz diferença. Dele não se tem senão os rastros, os resíduos, os restos. O que se tem são os novos territórios, os novos jeitos de estar sendo.

e a correção das operações do corpo. Sendo dócil um corpo que pode ser submetido.

No decorrer dos séculos XVII e XVIII, as formas gerais de dominação ocorrem através da disciplina. A disciplina procede em primeiro lugar à distribuição dos indivíduos no espaço. Ela não é mais simplesmente uma arte de repartir os corpos, de extrair e acumular o tempo deles, mas de compor forças para obter um aparelho eficiente, tendo assim uma nova anatomia política abrindo a multiplicidade dos processos.

Nasce, então, da disciplina, um espaço útil do ponto de vista médico. Para organizar e classificar tem as fileiras e a constituição de quadros vivos a fim de se ter registro/controlar e caracterização dos grupos. O quadro é, ao mesmo tempo, uma técnica de poder e um processo de saber. Este instrumento impõe uma ordem quando quadricula/classifica as doenças dos sujeitos. Os teóricos do século XVIII viam fundamento geral de toda prática militar desde o controle do corpo até a utilização de forças específicas.

As sexualidades eram encerradas para dentro de casa e tinha a função de reproduzir, pois, o único lugar de sexualidade reconhecida era o quarto dos pais. A repressão servia como condenação e tentava o desaparecimento do sexo, não se tinha nada para dizer, nem para ver e nem saber. A disciplina sobre o sexo era ferrenha. Mencionavam que as mulheres alegres ou de roupas mais decotadas tinham manifestações ou possessão diabólica. Utilizavam como tratamento orações, os banhos frios e o exorcismo para expurgar os demônios.

Pregavam um discurso para manter o controle sobre os corpos, dizendo ser pecado transar antes do casamento, se tivesse pensamento sobre sexo era preciso confessar-se, além de tomar banho com roupa para não tocar no corpo, praticar sexo no escuro, roupas com vários botões, tudo para manter o corpo enclausurado.

Durante muito tempo, as vertigens do corpo eram consideradas perturbações negativas. Podemos citar como exemplo a histeria considerada neurose que se manifesta pela conversão de conflitos psicológicos em sintomas orgânicos, e que tem causa comumente em traumas de ordem moral; envolve sintomas sem causa física que permitem que o paciente escape de uma situação intolerável, pode estar relacionada com a memória, no caso da amnésia, ou com o corpo, no caso do sexo.

No decorrer da época clássica, são constituídos os observatórios da multiplicidade humana, tem-se um modelo quase ideal no acampamento militar. Percebe-se claramente a necessidade de vigiar, manter o domínio sobre o comportamento e reproduzir o poder.

Na passagem do século XIX para o XX, surgem a higienização e a regulação dos corpos que tem a ver com a urbanização das cidades, quadriculação dos espaços, que setoriza as pessoas nas ruas e nas feiras.

Na escola, ser observado, olhado, contado detalhadamente passa a ser um meio de controle, de dominação, um método para documentar individualidades. Se olharmos para a arquitetura das construções escolares em pleno século XXI, percebe o quanto elas ainda são como um carro forte blindado, com muros espessos, vidros nas portas, salas em série e banheiros com meia porta. Tudo para manter o controle dos sujeitos. A escola acredita que a punição, a disciplina têm como fim corrigir e restabelecer os alunos. É com a escola, a igreja, a mídia, a lei, que se aprende uma linguagem socialmente situada, diz sobre o que falar e silenciar, o que mostrar e esconder, quem pode falar e quem deve ser silenciado.

Acredito que a ênfase no controle dos corpos não decorre de uma suposta necessidade de manter a disciplina. Vejo como uma forma sutil de escamotear as relações de poder¹⁵ que existem na educação, ficando as questões disciplinares universalizadas como a questão fundamental para ocorrer um bom trabalho escolar.

Na educação, o processo de aprendizagem começou ocorrendo com os monges, à escola se constituiu no início da Idade Moderna com a docilização dos corpos para elevar seu espírito.

A escola é uma instituição disciplinar, um aparelho reproduzidor da sociedade, ainda perdura no meio, esse campo de concentração, onde o aluno deve pensar pouco, aceitar as relações desiguais, fazer fila, se enquadrar na ficha espelho, assinar o livro preto de ocorrência, aprender hábitos de higiene, sentar direito, manter o corpo ocupado e condicionado.

¹⁵ O termo utilizado tem referência ao poder traduzido por Foucault como algo que não se detém, que não existe, que se exerce, se efetua, que funciona. Para ele, o que existem são práticas ou relações de poder, que funcionam como dispositivos ou mecanismos a que nada ou ninguém escapa.

Então, a escola tomou para si a função de laminar as subjetividades, no sentido de impregnar-nos daquilo que a sociedade estipulou que deveríamos ser preparando-nos para a normalização. A Pedagogia tem enfatizado o autodisciplinamento, os estudantes devem conservar a si e aos outros sob controle: “é indispensável que reconheçamos que a escola não apenas reproduz ou reflete as concepções de gênero e sexualidade que circulam na sociedade, mas como ela própria as produz” (LOURO, 1997, p.80-1).

Por outro lado, Foucault (1990) já argumentava que as formas modernas de governo revelam uma mudança do poder soberano, que é aberto visível e localizado na monarquia, para o poder disciplinar, que é exercido por meio de sua invisibilidade por intermédio das tecnologias normalizadoras do eu.

Foucault (1990) traz à tona o poder disciplinar, este se exerce tornando-se invisível, em compensação impõe aos que se submetem um princípio de visibilidade obrigatória, é isso que acontece nas escolas. Foucault analisa as práticas de aprendizagem e acredita que o processo pedagógico corporifica relações de poder entre professores e aprendizes.

Os estudos desenvolvidos por Foucault (1990) não analisam esses gestos e essas tensões enquanto tais, mas se questionam sobre a formação dos saberes e sobre “os sistemas de poder que regulam as práticas”, interrogam sobre as condições que permitem ao homem refletir sobre aquilo que faz. Ele tem uma visão crítica da existência da qual a história é suporte. Questiona sobre formação de saberes e sobre sistemas de poder que regulam a práticas.

De outro modo, Nietzsche analisa como na sociedade moderna a moral se transforma em controle para regular as condutas, acredita que fomos domesticados à pacificação. Foucault contesta o cristianismo quanto à matriz cristã que prega o exame de consciência. O projeto Foucaultiano problematiza o sujeito, realizando a construção histórica de nós mesmos. Ele tenta mapear em períodos históricos quais elementos estão envolvidos nesses períodos sobre a verdade em si e em relação aos outros.

4 Sexualidades – Dispositivos de Subjetivação

O pensamento Foucaultiano sobre a sexualidade do homem ocidental nos oferece ferramentas de intervenção que podem ajudar nesse campo de atuação na Educação, a educação sexual escolar. Esta não é a única possibilidade e nem definitiva como afirma Foucault (1988): “Não quis dizer ‘eis o que eu penso’, pois ainda não estou bem seguro do que formulei”.

Foucault critica a tese de que a sexualidade e o sexo são realidades objetivas, procura mostrar como as sexualidades ocidentais foram construídas. O autor problematiza a sexualidade numa ótica diferente como dispositivo histórico de poder. Ele distancia-se da visão tradicional de um poder centralizado no Estado soberano e na Lei, e vai dar visibilidade a este poder que se espalha e dissemina em vários espaços da sociedade.

Foucault nos chama a atenção para a convivência humana que se dá sob um amplo sistema normativo que regula como, com quem e de que maneira devemos, não só nos reproduzirmos geneticamente, mas como reproduzirmos a ordem social que nos sustenta. O poder do monarca passou a ser disseminado por toda a sociedade, é ela que nos regula, controla e lapida as subjetividades na busca de uma identidade, um jeito unificado de ser e viver.

A sociedade nesta perspectiva tem tendência redutora, fixa-se em identidades identificatórias e as calcifica tentando formatar as subjetividades. A identidade não identificatória procura dar passagem para o que vem abalar, encara o desconhecido, abre mão das antigas fórmulas que deram certo, embarca no processo de fazer-se e desfazer-se, se permite admitir aquilo em que sempre acreditou não faz mais sentido, percebe que nada permanece o mesmo para sempre. É o modo de subjetivação que acolhe o mal-estar como sinal de vida, modo de viver, pensar e experimentar as coisas, que exige permanente criação inventa possibilidades, às

novas situações, entra em contato com as sensações a partir de alguma desestabilização, acionando movimentos de produção de diferença.

Segundo Rolnik:

Quando diferenças irrompem em cena, convulsionando as figuras estabelecidas, [...] “o que cai na trama do espectro são personagens correndo esbaforidos de um lado para o outro feito baratas tontas. Atordoados, eles parecem estar à cata de figuras idealizadas para identificar-se...” (1996, p.2).

Ao tentarmos sair deste eterno retorno ao ponto indicado, de igualdade, a sociedade luta em manter o velho discurso de regulação, cujo objetivo é assegurar os processos igualitários, ficando desta maneira com a possibilidade de visibilidade do todo. A família saiu deste lugar igualitário que o cristianismo e a sociedade desejava, simplesmente, segundo Guattari, ela implodiu. Criou-se um novo território de construção para outras possibilidades, outros arranjos familiares bastante diferentes daqueles que eram, até então, dados como a norma papai, mamãe, filhos/as. Neste caminho os novos jeitos de homem e mulher nos levam a sair da repressão de um único ser.

Foucault afirma que a repressão suscitou o aparecimento do discurso sobre sexo:

Consideremos os colégios do século XVIII. Visto globalmente, pode-se ter a impressão de que aí, praticamente não se fala em sexo. Entretanto, basta atentar para os dispositivos arquitetônicos, para os regulamentos de disciplina e para toda a organização interior: lá se trata continuamente do sexo... O espaço da sala, a forma das mesas, o arranjo dos pátios de recreio, a distribuição dos dormitórios... Tudo fala da maneira mais prolixa da sexualidade das crianças. (p.30)

O poder, para Foucault desaba o que chamou de hipótese repressiva sobre o sexo, na medida em que não entende o poder como autoritário, centralizador e repressivo. Há presença do poder, isto ocorre não porque esteja localizado em um único ponto, mas porque se produz a cada instante em todos os pontos e em toda relação. Desta maneira, o poder está em toda parte, não porque englobe tudo, mas porque provém de todos os lugares. O que existe são dispositivos de poder atuando sobre o indivíduo e a sociedade, adquirindo um caráter normalizador.

Foucault (1994) acreditava que não podia existir nenhuma sociedade sem relações de poder, essas sendo entendidas como estratégias mediante as quais os indivíduos tratam de conduzir, de determinar a conduta dos outros (p.138). Ele ressaltava a diferença entre as relações de poder e as relações de dominação na medida em que, essas últimas, em lugar de serem instáveis e permitirem aos diferentes participantes uma estratégia que as modifique se encontram bloqueadas e fixadas (1994, p.109). Para Foucault (1995), as relações de poder, pelo próprio fato de serem dinâmicas e cambiáveis, devem ser incessantemente analisadas, entre outros aspectos, em termos dos objetivos que perseguem.

Foucault, durante toda sua obra, apresenta vários conceitos de dispositivo, citando um deles:

Conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas. Em suma, o dito e o não dito são elementos do dispositivo.

Na escola articulamos mecanismos e conexões, é também o lugar de formação e de adestramento do eu, onde acontece boa parte da formação intelectual e moral, onde aparece o fluxo dos dispositivos em funcionamento e os regimes de verdade¹⁶ estabelecidos.

A escola funciona como um espaço de produção, criação, onde professores e alunos inventam a cada dia. Lá é onde se inventam professores e alunos, jeitos de ser professor e jeitos de ser aluno. Este novo jeito de ser é efeito de efeitos. É um caldo subjetivo, efeito de tudo o que se viveu, pensou, sentiu. A escola também tenta inventar jeitos hegemônicos de alunos e professores, tentando enquadrá-los através da normalização moral e da ordem.

Os dispositivos de poder atuam como mecanismos articulados tanto em práticas discursivas quanto nas não discursivas, visando obter um determinado fim, que seria o controle sobre a vontade do indivíduo e da sociedade. É por isso que

¹⁶ “Cada sociedade tem seu regime de verdade: isto é, os tipos de discurso que ela escolhe e faz funcionar como verdadeiros, os mecanismos e as instâncias que permitem distinguir os enunciados verdadeiros dos falsos, a maneira como se sancionam uns aos outros; as técnicas e os procedimentos que são valorizados para a obtenção da verdade; o estatuto daqueles que têm o encargo de dizer o que funciona como verdadeiro”. Foucault (1990, pg.12).

Foucault escuta a História para descobrir por intermédio das relações de poder o sujeito que interatua com outros sujeitos.

Para ele, os dispositivos podem se construir em um discurso verbalizado, mas também em um não verbalizado, silencioso, podendo aparecer de maneira velada, mas, ao mesmo tempo, declarada. Através da teoria e de ações práticas, um dispositivo impõe-se na sociedade normalizando os sujeitos e construindo o cidadão necessário a ela. Sendo assim, Foucault entende a escola, o quartel, o hospital e a prisão como espaços de poder onde o dispositivo se faz presente.

Esse poder, a que Foucault (1999, pg.132) chama bio-poder, por agir sobre os corpos por meio de uma moral instituída, não lançando somente em um sentido, esse poder aplicado sobre os corpos, também recebe reações.

Portanto, na concepção de Foucault, a sexualidade, sendo dispositivo histórico de poder, aparece nas sociedades ocidentais como um ponto de passagem particularmente denso pelas relações de poder; entre homens e mulheres, jovens e velhos, pais e filhos, educadores e alunos, padres e leigos, administração e população.

Nas relações de poder a sexualidade não é o elemento mais rígido, mas um dos mais dotados da maior instrumentalidade: utilizável no maior número de manobras, e podendo servir de ponto de apoio, de articulação às mais variadas estratégias (Foucault, 1999, pg. 98)

O dispositivo de sexualidade inscreve-se nas mais variadas relações de poder existentes na sociedade e é um dos elementos mais eficazes de controle sobre os sujeitos, atuando há mais de três séculos.

Na Idade Média tínhamos um discurso pautado nos “pecados da carne”, pecados que precisavam ser confessados para serem perdoados, estes discursos unitários dos cristãos de culpa e pecado original como estratégia para o sujeito se arrepender e dizer a verdade, apoiando-se no exame de consciência como forma de julgamento e na confissão a fim de saber a verdade de Deus, este é o jogo de poder. Aos poucos foi sendo rompido e/ou diversificando pelo discurso científico. O cristianismo utilizava a renúncia de si e dos prazeres da carne pensando o sexo com o enfoque cristão de que servia somente para procriação. Este alargamento do sexo

fez com que deixasse de ser encarado apenas como função natural de reprodução da espécie, como fonte de prazer e desprazer, para ser encarado como um fenômeno mais global que envolve nossa existência.

Na época grega, a história da sexualidade para Foucault preocupava-se consigo, ocupa-se do cuidado de si, pensando no exame da consciência como um jeito de aprender mais sobre si, para ser cada dia melhor, realizando o exercício de ascese¹⁷ como escolha de si, de dizer a verdade sobre si através das técnicas de si como correspondência e diário. Este movimento do autor nos mostra o quanto as proibições e permissões são internalizadas pela consciência humana devido a inúmeros procedimentos sociais utilizados para repreender como: educação/escola, religião, política, sociedade, trabalho, arte, justiça, que tentam imprimir no sujeito o sentimento de culpa, dor, pecado, errado, incriminado, desejando-se ocultar e esquecer o que realmente desejam.

Marilena Chauí (1991) afirma que a repressão sexual é um fenômeno tão antigo quanto à vida humana em sociedade, mas que o conceito de repressão sexual é recente. Posso dizer que as práticas sociais de controle, proibição e permissão do sexo são antigas, porém o estudo de seu sentido, de suas causas, de suas variações no tempo e no espaço é um estudo recente.

Vejo que estas referências dos procedimentos sociais direcionados para proibições, punição, violência, opressão ou ameaça, ou ainda aparecendo de maneira invisível ou sutil a repressão, aciona nos sujeitos mecanismos de burlar esta pressão. Reprimir é segurar ou interromper um movimento ou uma ação. Assim, para Foucault :

A sexualidade é o nome que se pode dar a um dispositivo histórico: não à realidade subterrânea que se apreende com dificuldade, mas à grande rede da superfície em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação dos conhecimentos, reforço dos controles e das resistências encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas grandes estratégias de saber e de poder. (pg.100)

Ao trazer a noção de dispositivo, Foucault nos mostra outra possibilidade de olhar para a questão da sexualidade na sociedade que não se limite à repressão. Ele aborda que a origem do saber está no poder e todo o saber garante um

¹⁷ Purificação, avaliar em sua vida o que está lhe fazendo mal. (nota de aula)

exercício de poder, criando então uma rede discursiva de saber/poder. Afinal? Sexo escondido, escamoteado, retraído e incitado a aparecer?

O estudo das “sexualidades” tem me proporcionado pensar sobre outros modos de falar, dizer, olhar, ver todo o conhecimento recebido. Passei a verificar que se apóia nos impulsos, nos movimentos dos efeitos pessoais e sociais.

Passei a me interessar sobre esta ótica, mas, o desconforto sacudiu a escrita, o pensamento, e desafiou toda a minha ação remexendo de lugar como um tormento a minha prática. Remexendo a trajetória acadêmica e profissional que foi calcada pelo viés da teoria da psicanálise onde trazia este referencial como elemento explicativo das situações cotidianas. Quando comecei a ler sobre a teoria da produção de diferença, precisei abandonar os kits de perfis humanos, o mito do aluno perfeito, da escola perfeita e da sociedade ideal que supunha existir, para aventurar-me no campo das diversas possibilidades.

Este processo sacudiu a minha ação profissional suplicando uma outra, muitas outras retomadas da prática. Disponibilizando olhar e ver as peculiaridades com que cada um se agencia subjetivamente e percebendo que há tantos modos de subjetivação quanto diversas maneiras de cada um organizar sua existência. A subjetividade procura dar passagem e suporta reconhecer que a consciência alcançada não tem mais validade, acolhendo novo traçado, embarcando neste processo de sempre fazer e desfazer. É ela que permite admitir aquilo que sempre acreditou não faz mais sentido, que aceita sua finitude e percebe que nada permanece o mesmo para sempre. A subjetivação exige um novo olhar, uma nova atitude, uma nova posição diante da Vida, outro modo de viver, pensar e experimentar as coisas, exigindo permanente criação.

Explorar os escritos/grafites das portas dos banheiros como possibilidades de construção subjetiva, sentindo o vigor e a força das palavras, das imagens, dos desenhos. Imerso numa órbita profunda e movediça, do sujeito, com todas as suas afecções que carregam algo de si e dos outros. Estes escritos/grafites funcionam como quadro avisos, recados de grupos, movimentos do eu, escapamentos do controle desta sociedade disciplinar, onde a premissa deste controle é que todos precisam ser vistos e expostos, deixando a privacidade totalmente invadida.

O texto flecha/soco tenta auxiliar na relação que se tem consigo mesmo pensando nos resíduos que guarda de si, operando sobre si para transformar-se, e conseqüentemente operar de outra maneira na sua prática. Como diz Foucault (p.48): "...qualquer forma de ser, obteniendo así una transformación de sí mismos com el fin de alcanzar cierto estado de felicidad, pureza, sabiduría o inmortalidad".

Podemos pensar nos recortes da sociedade contemporânea e as várias expedições feitas na história, remetendo-nos a uma análise sócio-histórica onde a civilização é extremamente sexualizada.

Esta pesquisa encontra-se entrelaçada numa gama de mesclas que afetam o mundo da invisibilidade do sujeito, sujeito borbulhante de afecções, proliferando este campo de potência de maneira simultânea e veloz. Este estudo enfoca esta clandestinidade, não autorizada, de escrever em portas de banheiros.

Visualizar o texto escrito/grafitado nas portas dos banheiros, seus símbolos e imagens promovem no sujeito afecções. Os escritos/grafites, ao se revelarem, nos afetam produzindo e reproduzindo efeitos, dos quais percebemos somente a disseminação de seus rastros, suas marcas, seus efeitos, pois o texto ao mesmo tempo afeta e é resultado de uma afecção.

Interiorizando e apoiando-nos sobre a evocação da linguagem e das imagens oferecidas por este meio, podemos tecer trajetos simbólicos e imaginários presentes na narrativa da diversidade sexual do sujeito, desdobrando e reinscrevendo o seu desejo.

Foucault trouxe para analisar os pressupostos, as instituições e as estruturas de nossos presentes arranjos pessoais. Com sua teoria ele me remete a assinalar uma preocupação não tanto com o que as palavras significam, nem quanto à forma das palavras, e sim, a como o conjunto de sentenças e práticas relacionadas funciona.

Este fluxo de sentenças relacionadas às diversidades e à trama de desejos coletivos emaranhados nos discursos ainda-não-ditos, falam do amor, do sexo, da pornografia, do prazer, do desejo, do depravado, do proibido, da putaria, de outra maneira de se comunicar. Assustador para a escola é o individualizar-se. Ester Díaz nos apresenta o que Foucault descreve: "La práctica de producir verdad circula por

la justicia, la medicina, la pedagogia, las relaciones familiares, las relaciones afectivas. Confesar la verdad es una manera de individualizarse” (31).

Haveria a obsessão do final do século XVIII em colocar o sexo em discurso e em produzir a sexualidade. De outro lado, o desregramento e o excesso, também presentes em sua obra, estariam vinculados ao antigo poder de soberania e aos velhos prestígios do sangue nobre. Diz Foucault: “Foram os nossos procedimentos do poder, elaborados durante a época clássica e postos em ação no século XIX, que fizeram passar nossas sociedades de uma simbólica do sangue para uma analítica da sexualidade”.

Relacionar teoricamente com a História de como abordavam a sexualidade a fim de contrapor com a sociedade contemporânea, na qual atualmente as relações estão se modificando de maneira veloz. Os escritos/grafites das portas funcionam como confessional, privado ou produção de sentido?

5 Desejo: não como falta, mas como produção

Os dois extremos do grafito como arte são as inscrições em paredes de banheiros públicos que documentam as piores taras e os piores ressentimentos, e portanto o melhor humor da humanidade e as pinturas afresco, pois o mural não é outra coisa senão o grafito tornado respeitável". (Luis Fernando Veríssimo, 1993)

O desejo, para Deleuze, é constituído pelo plano de imanência, que revela agenciamentos de uma pessoa ou grupo, não é localizável e atua no campo de pulsão, é da ordem dos encontros, dos encontros com o fora. Não está na ordem do pessoal e do objetal. O desejo é entendido como um processo que varia com a intensidade dos acontecimentos. Desejo não pode ser interpretado, analisado, somente experimentado. O desejo investe no campo social não se limitando à família, ele é coletivo. O desejo circula no agenciamento de heterogêneos. Deleuze enfatiza que nunca se deseja algo ou alguém, mas, antes, sempre se deseja um agregado. O desejo não é pelo objeto, mas por uma paisagem, o que está envelopado, envolto. Desejar um objeto, um carro, por exemplo, o desejo não é pelo objeto, mas pelo contexto global. Não existe nenhum desejo, diz Deleuze, que não flua em um agenciamento e, para ele, o desejo sempre foi um construtivismo. Deleuze enfatiza que o desejo é construtivismo. O desejo se constrói no coletivo, no múltiplo, na matilha.

A produção desejante é maquínica. Quando falamos em máquina é preciso deixar claro que Deleuze e Guattari (1972) definem máquina como um sistema de cortes visando à relação das máquinas desejantes e sociais com o fluxo contínuo de realidade. As máquinas desejantes funcionam em perpétuos desarranjos e disjunção, produzindo incessantes territorializações e desterritorializações. Elas operam engendrando infinitas conexões, conectando e desconectando algo.

Deste modo, a máquina não é uma estrutura e sim um complexo de mecanismos, de fluxos, de conexões, que depende de um agenciamento para que

possa funcionar, precisa ser atravessada pela matéria para produzir e articular mecanismos.

Nesta perspectiva de máquina, não há oposição entre máquina, homem e natureza. O maquinismo opera em qualquer sistema de corte de fluxo que supera simultaneamente o mecanismo da técnica e a organização do organismo, seja na natureza, na sociedade ou no homem.

Deleuze e Guattari falam em máquinas desejanças por inscreverem o desejo na produção real, não há falta de objeto, pois há multiplicidade de conexões. Não temos sujeito fixo, as necessidades é que são pensadas como derivadas do desejo, ao formar idéia de desejo como produção e funcionando através de sínteses que dizem respeito ao fluxo e corte de fluxo do real, estes autores procuraram sair deste esquema familiarista.

Se pensarmos no banheiro, ele é um espaço físico, um lugar geograficamente definido, que serve como espaço para que o corpo seja acionado, é um dos espaços físicos que propiciam acionarmos as funções orgânicas da organização. No banheiro urinamos, defecamos, tomamos banho, masturbamos, lavamos as mãos, tiramos a barba, depilamos, escovamos os dentes, lavamos o rosto, vomitamos. Este espaço da minha pesquisa tem um lugar além do acionamento da organização do organismo.

O corpo é acionado para a escrita, ele se amplia se alarga não as suas funções, mas as sensações. O corpo é acionado para além de seus contornos. Ele passa a ser o porta-voz das afecções. As sensações acionam o pensamento e ele nos lança para fora da ordem dada, é por meio do pensamento que chegamos ao mundo da diferença. A escrita produz diferença em quem escreve e em quem lê, e ambos são afetados. Os escritos/grafites do banheiro potencializam criação, composição e convidam o corpo afetivo a se reverberar, assim outro corpo vai se fazendo. A escrita cria um espaço entre escritor e leitor, e as afecções produzidas pela escrita ajudam a nos compormos, fazendo-nos alguém em quem vamos tornando-nos.

Os escritos/grafites, os movimentos do desejo aparecem impresso nas portas. A teia construída nas portas funciona como instrumento de leitura e decifração das composições, conjuntos sociais, revelando as sexualidades, as criações de maneira coletiva.

O espaço da porta do banheiro é tomado como laboratório, potencializa a invenção, cria estranhamento e se torna força operatória de outras possibilidades. Longe de ser ato de vandalismo, grafites podem ser modos expressivos de articular questões sociais e políticas, adotadas por grupos, canal ou via de comunicação, jeito de expressar fantasias e impulsos sexuais. As escritas podem revelar indícios da época e do local que as pessoas estão vivendo. O anonimato do banheiro potencializa a escrita, revigora o poder do sujeito de poder dizer através da escrita. O anonimato insulta os movimentos de criação.

6 Escrita Menor

Verdade muitas vezes esquecida é que nem toda a poesia cabe nos livros. E a lírica das retretes foi feita para sobreviver nos poemas em festa! Porque a poesia também nasce nesses lugares infectos. Como a flor nasce do estrume. (BARBOSA, 1986, p.51)

Destaco nesta pesquisa não o significado que as palavras contidas nas portas dos banheiros produzem, mas sim, detenho olhá-las como a expressão de um desejo, de uma vontade ou uma necessidade. Uma vez que a escrita tem força própria, força aleatória, que pouco a pouco libera possibilidades de expressão totalmente diferentes. Sendo assim, são as sensações que circulam no corpo que acionam a escrita por conexões de afecções, ou seja, a escrita funciona como transporte, transferência e traslado de tudo que circula no corpo: desejo, pulsão, o sujeito escreve para provocar, excitar, erotizar, comunicar, protestar, insultar.

Os escritos/grafites produzidos nas portas dos banheiros são mapas construídos por pessoas clandestinas, ditas anônimas, que tem cara, nome, idade, sexo, moram em casa, apartamento, mas elas existem estão aí, vivas e cheias de pulsão. Quem risca a porta deixa a marca de seus desejos que poderão ser lidos e, quando lidos, operarão como dispositivos de subjetivação. Escrever é devir¹⁸ e implica uma relação entre vida e pensamento.

Na porta do banheiro, o texto fixa instantaneamente o sujeito que escreve, o faz crescer, e o transforma no superpoderoso do mundo. Depois, se solta, se "desautoriza". Quem lê volta a ativar o texto. E se torna autor também. É uma descontinuidade que se instala. Há uma distância por causa do anonimato entre quem escreve, o que é escrito e quem lê, sempre tem um co-autor que, ao ler sua obra, adere-se a ele. Os escritos/grafites ao serem impressos nas portas dos

¹⁸ Devir é um vir a ser sem chegar a tornar-se. É o caminho e não a chegada. Gilles DELEUZE e Félix GUATTARI. Mil Platos Capitalismo e Esquisofrenia. vol.4.

banheiros não pertencem mais ao escritor, o que fica são os seus resíduos de linguagem, sua duração, os rastros perduram produzindo efeitos.

Os textos todos podem ler, qualquer um pode ler, são legíveis a todos. Os signos, códigos são os que se dão no interior da língua, mas o sentido, o significado nem sempre é o mesmo. A escrita coloca a língua em movimento, é um instrumento de comunicação, propicia lugar de encontro. O sujeito escreve, desenha, porque deseja provocar, excitar, erotizar, comunicar, fantasiar, rebelar, protestar.

A palavra vai tentar dizer do desejo. A palavra é múltipla, mas, ao mesmo tempo, única. Encontra-se numa mutação permanente ao mesmo tempo repetição e diferença. Foucault afirma que escrever é, pois “mostrar-se”, dar-se a ver, fazer aparecer o rosto próprio junto ao outro (id. Ibid., p.150). O importante disso tudo é que, ao resgatar os rastros, os acontecimentos, alimentamos o potencial de diferenciação de nós mesmos. Assim, ao escrever, estamos registrando marcas subjacentes a um estado de ser atual, aos atravessamentos das forças vivas do mundo. A escrita tem pretensão de criar um jeito de visualizar devires.

Foucault (1984) nos diz que devemos pensar não os comportamentos ou as idéias, mas as problematizações, os processos. Produzir diferença é inventar novos caminhos. A invenção é a tensão entre a problematização e a ação, os escritos/grafites funcionam na invenção. Não quero saber o que isto quer dizer e sim, Como é que isto funciona? Substituo a pergunta de sentido por uma pergunta que diz respeito ao funcionamento.

Foucault parte da premissa de que o sujeito é a grande questão, coloca-o no centro da reflexão, num espaço de experiência e experimentação. Ele calca sua obra fundamentalmente na subversão do pensamento, não no sentido de romper a ordem ou de revolucionar o dado, mas no sentido de buscar pensar diferentemente do que se pensa, de inquietar-se com o aceito, de enveredar para o avesso e produzir diferença.

Os escritos/grafites são rastros, resíduos, marcas que pouco a pouco liberam possibilidades totalmente diferentes. O que há são evidências pura e simplesmente claras. Relação de força, de poder, ter poder, de criar algo que surge, brota, borbulha e traz encantos. Escrita como suor que escorre pelos poros, exala e emana poder. Escrita que preenche espaços, alastra-se e entrelaça com outras. Esta escrita

desacomoda, desloca, monta e desmonta tempo e espaços infinitos. Escrita veloz e fugaz, em um espaço que não é espaço, em um lugar que não é lugar. Escrita é potência, é desejo, pulsão, é devir sempre inacabado, sempre em vias de fazer-se. Escrever desencadeia devires, estes se misturam uns aos outros compondo linhas de invenção. Quando escrevemos compomos com os outros e conosco e, ao mesmo tempo, ficamos em estado de expansão.

Os escritos/grafites das portas dos banheiros funcionam como agenciamentos de desejos. Nestes espaços são fabricados novos desejos que produzem outros. A porta é depósito, é via de agenciamento de tesão, ela viabiliza um agenciamento coletivo de enunciação.

O que importa é que existe o texto, ele está lá, nós afeta, produz, cria, funciona e encontra-se repleto de diversidades e multiplicidades. Não interessa o quê, e sim como funciona.

Como o dispositivo da escrita afeta e produz efeitos?

Este não-lugar é lugar de criação, experimenta formas de comunicação num espaço socialmente e geograficamente definido para o colocarmos em funcionamento a organização do corpo. Criam um espaço e experimentam. Como uma casa desabitada e os sujeitos que habitam potencializam um movimento de criação. É um espaço que surge com suas formas e sentidos próprios. Este espaço efetiva contatos, aciona modos de subjetivação, constrói redes e teias e também ativa, produz, aniquila afecções.

O texto gravita de forma latente e incisiva dentro da escola, seria um jeito de dizer o não dito, incorporando por meio da escrita o que sente, momento de cumplicidade e privacidade consigo. A porta funde-se com o sujeito, acontecendo o deslocamento do sujeito. Como se a porta imprimisse através da escrita o que escorre pelos sujeitos. Prazer de sentir prazer, prazer de escrever, prazer de esconder, prazer que aciona poder.

O texto aciona poder, cada porta é um novo jogo potente, que te leva a muitas direções, te chama, convida. Os sujeitos são afetados pelos rabiscos e ativam

potências. É como se as palavras se alastrassem e proliferassem devires. Este movimento de escrever é que impulsiona o funcionamento do texto. O texto oculta o escritor e o leitor, eles se compõem no emaranhado de fluxos. Fluxos são efetivados pelas pontas das mãos. Por intermédio da caneta, objetos pontiagudos, batom, errorex ou qualquer objeto que produz marca e deixa pegadas, rastros que potencializam.

Mapeei esta paisagem em movimento existente na porta dos banheiros, apresento os registros como um "arquivista" que vai rastreando as marcas que se alastram e tece este mapa em construção. Contando e narrando através de fotografias, dando visualidade, a este espaço de experimentação e de invenção, ao movimento que se expressa de maneira significativa. A vida se expressa na escrita, pois, ao escrever, tornamo-nos outra coisa.

7 Movimentos

O trabalho de pesquisa foi delineando-se no perfil de ensaio fotográfico dos escritos/grafites/desenhos das portas dos banheiros. Rastreava as marcas, os resíduos, as tramas das linhas de subjetivação, os movimentos que vem sendo composto como resultado da ressonância dos grafites, da produção de vida, de sentido.

Posso citar um fato interessante neste processo de pesquisa, que foi num determinado dia ao chegar na escola para fotografar as portas dos banheiros encontrei o comunicado acima, até a maneira de informar sobre a não possibilidade da utilização do banheiro foi através do escrito. Interessante este jeito de demarcar a não utilização deste espaço físico, poderiam ter chaveado a porta assim como fazem com a secretaria, sala de aula, biblioteca, porque lá, no banheiro deveria ter um escrito informando?

A utilização das formas (dos espaços coletivos) de convivência, apareciam como espaço de criação. Quando fotografava os escritos percebia a potencia das palavras. Deleuze¹⁹ traz que escrever não é impor uma forma a uma matéria vivida, existe uma potência do impessoal que não é absolutamente uma generalidade, mas uma singularidade no mais alto grau.

Este trabalho possibilitou colocar o dispositivo da experimentação num campo maleável, os substratos das fotos servem de dispositivos provocadores da experimentação de si.

A escrita serve para exarcerbar e depurar as marcas, já que as marcas estão sempre vivas em nossos corpos, colocá-las em movimento traz a possibilidade de forjar novos agenciamentos. As marcas potencializadas buscam agenciamentos que levam a escolhas que vão se dando conforme se é atraído por determinados

¹⁹ Gilles DELEUZE. Crítica e Clínica

ambientes. A repetição constitui-se num exercício de inovação dessas marcas e a abertura para criação de um jeito distinto de ser, de subjetivar-se.

Escrever não é impor uma forma de expressão, escrever é uma questão de devir, é uma passagem de vida que nos atravessa ao desenhar nossos pensamentos. A escrita é uma forma de operar a potência do pensamento. Através do pensamento passamos inventar linguagens para expressar a subjetividade. Subjetividade que é impermanente e pede passagem dos fluxos, pois, estamos em constante processo de transmutação e deslocamentos.

Esta forma de linguagem que são os grafites afeta, instiga, suscita, provoca, seduz, excita ; muitos de nós certamente já nos deparamos lendo o que continha nas portas dos banheiros. Suscitando a refletir, rir, repudiar, criticar, observar, nos deslocando de nos mesmos e nos fazendo outro.

Assim como a escrita demarca e compõe um momento, época, período, a fotografia também demarca uma passagem da vida. Estas linhas da vida são os elementos constitutivos das coisas e acontecimentos. Acontecimentos que nos atravessam e remete-nos a criar e inventar outras possibilidades. Esta maneira de apresentar os deslocamentos dos sujeitos através da fotografia, é uma forma de poder fazer este desenho do movimento dando um mapa sem sentido. Mostra-se o mapa e se faz dele o que quer, assim como este trabalho, o que fica é a potência que reverbera.

Referências Bibliográficas

BLANCHOT, Maurice. **Foucault como o imagino**. (trad. Miguel S. Pereira e Ana Luisa Faria). Lisboa: Relógio d'Água, s/d.

_____. **A Conversa Infinita**. (trad. Aurélio Guerra Neto). São Paulo: Escuta, 2001.

BORGES, Jorge Luis. **Labirinto, em Elogio da Sombra**. São Paulo: 1969.

CADERNOS DE SUBJETIVIDADE. São Paulo, **Núcleo de estudos e pesquisas da subjetividade**, P. E. P. G. em Psicologia Clínica, PUC/SP, vv. 1-3, 1993-94.

CALDAS, Waltercio. **Manual da Ciência Popular**. Arte Brasileira – Funarte – Rio de Janeiro. 1982.

CHAUÌ, Marilena. **Repressão Sexual: essa nossa (des)conhecida**. São Paulo: Brasiliense, 1991.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. (trad. Peter Pál Pelbart). Rio de Janeiro: 34, 1992.

_____. **Empirismo e subjetividade**. (trad. Luiz B. L. Orlandi). São Paulo: 34, 2001.

_____. **Foucault**. (trad. Claudia S. Martins). 2.ed. São Paulo: Brasiliense, 1991.

DELEUZE, G. e GUATTARI, F. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. (trad. Aurélio G. Neto e outros). Rio de Janeiro: 34, 1995 (vv.1); 1996 (vv. 3).

_____. **Crítica e clínica**. Rio de Janeiro, Ed. 34, 1997.

_____. **O que é a filosofia.** (trad. Bento Prado Jr e Alberto A. Muñoz). Rio de Janeiro: 34, 1992.

DELEUZE, G. e PARNET. C. **Diálogos.** (trad. Eloisa Araújo Ribeiro). São Paulo: Escuta, 1998.

DÍAZ, Esther. **Michel Foucault y los modos de subjetivación.** Buenos Aires: Almagesto, s/d.

FRIEDRICH, Nietzsche. **Assim Falou Zaratustra.** Civilização Brasileira – Rio de Janeiro 1998.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade (1):a vontade de saber.** (trad. Maria T. C. Albuquerque). 9.ed. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

_____. **História da sexualidade (2): o uso dos prazeres.** (trad. Maria T. C. Albuquerque). 9.ed. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

_____. **História da sexualidade (3): o cuidado de si.** (trad. Maria T. C. Albuquerque). Rio de Janeiro: Graal, 1985.

_____. **Microfísica do poder.** (trad. Roberto Machado). 11.ed. Rio de Janeiro: Graal, 1993.

_____. **O que é um autor?** (trad. António F. Cascais e Edmundo Cordeiro). s/l, Vega, 1992.

_____. **Tecnologías del yo.** (trad. Mercedes Allendesalazar). 2.ed. Barcelona: Paidós, 1991.

_____. **Vigiar e Punir.** Petrópolis: Vozes, 1988.

_____. **Hermenéutica del Sujeto.** La Plata, Argentina: Editorial Altamira,1996.

GUATTARI, Félix. **Caosmose, um novo paradigma estético.** (trad. Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão). Rio de Janeiro: 34, 1992.

GUATTARI, F. e ROLNIK, S. B. **Micropolítica: cartografias do desejo**. Petrópolis: Vozes, 1993.

MC LAREN, Peter. **Rituais na Escola em direção a uma economia política de símbolos e gestos na educação**. (trad. Juracy C. Marques e Ângela M. B. Biggio). Rio de Janeiro: Vozes, 1991.

LINS, Daniel e GADELHA, Sylvio (org.). **Nietzsche e Deleuze: Que pode o corpo**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

LOURO, Guacira Lopes (org.). **O corpo educado Pedagogias da Sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

_____. **Prendas e Anti-prendas**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1987.

LÜDKE, Menga e ANDRÉ, Marli E. D. **A. Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MACHADO, Roberto. **Deleuze e a filosofia**. Rio de Janeiro: Graal, 1990.

MINAYO, Maria C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo, Hucitec; Rio de Janeiro: ABRASCO, 1992.

ORTEGA, Francisco. **Amizade e estética da existência de Foucault**. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

PEREIRA, Marcos Villela. **A estética da Professoralidade: um estudo interdisciplinar sobre a subjetividade do professor**. São Paulo: PUC, 1996 (tese de doutorado).

PERUZZO, Rosária Sperotto. **Das Artes de Viver e das Possíveis Híbridões de Subjetividades**. 2002. 440 f. tese (doutorado de educação) – Faculdade de Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.

_____. **Michel Foucault e a questão do conhecimento in Cadernos de Educação**. Pelotas, FaE, 4(5), dez.1995.

ROLNIK, Suely B. **Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo**. São Paulo: Estação Liberdade, 1989.

_____. **Pensamento, corpo e devir: uma perspectiva ético/estético/política no trabalho acadêmico**. in CADERNOS DE SUBJETIVIDADE. São Paulo: NEPS/PEPGPC/PUCSP, 1(2): 241-252, set/fev1993.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi (org.). **Corpos de passagem: ensaios sobre a subjetividade contemporânea**. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

_____. **Políticas do Corpo**. São Paulo: Estação Liberdade, 1995.

SILVA, Tomaz T. da. (org.). **O sujeito da educação: estudos foucaultianos**. Petrópolis: Vozes, 1994.

SUPLICY, Marta (org.). **Sexo se aprende na escola**. São Paulo: Olho d'Água, 2000.

TEIXEIRA, Renata Plaza. **Sob a Proteção da Vênus Cloacina: Diferenças Sexuais e Interculturais em Grafitos de Banheiro**. São Paulo: USP, 2004 (tese de doutorado).

VERÍSSIMO, Luis Fernando. **Separatismo – Corta essa!** L&PM, 1993.

Anexo

Fotos de grafites nas portas dos banheiros do Colégio Municipal Pelotense

#NahaTa

I'm sorry baby
I want you, but
I want you, please
What do you do?
I don't know!
I just want, make you cry,
Don't cry please
Do you know where is the car?
I don't know!
My brother hit me, I want you,
but I see you, I see you

#ACHAKS
#APOFREE

I'm sorry baby
I want you, but
I want you, please
What do you do?
I don't know!
I just want, make you cry,
Don't cry please
Do you know where is the car?
I don't know!
My brother hit me, I want you,
but I see you, I see you

[Abstract scribbles]

ESC
PCA

#FIRM

[Abstract scribbles]

RANON
VALMO-
RER ONEU
IRMAOUAN
TI FEGA
EVIDA

XFA
ZOM
VORTE
COMANDA

#NaL

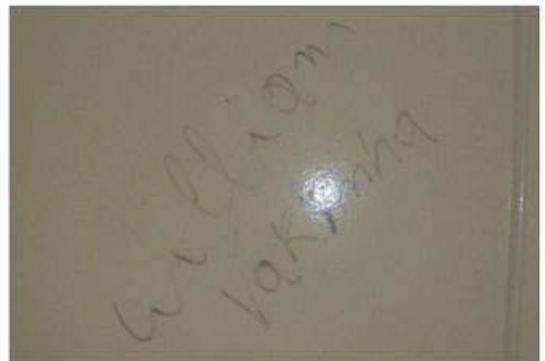
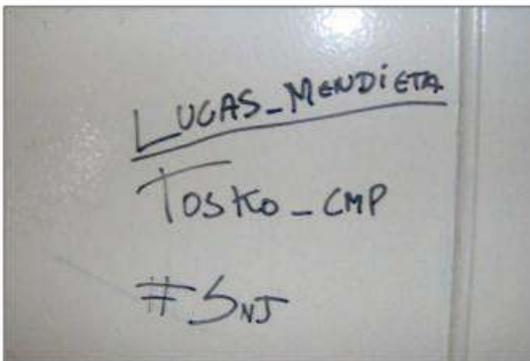
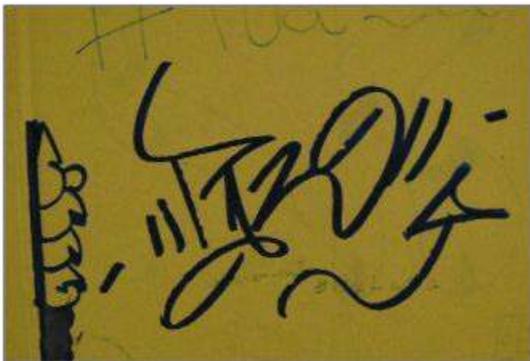
NEGO
SKS

#DOGUETO

#UsPel

JURVINTA
AMILA L.

#FRIDAY
Lobo



Gustavo
em te amo.

AO FECHAR
ESSA PORTA
VC SENTIRÁ
A PELE DO BEM
FÉ DURANTE

Guilherme
Tu és um
Da família
De que admiro

EU
200%
Gustavo Kurtz
NUNCA

Lucas
tu não
tu não
tudo que
mas em
quando
TE AMO

Jack
Kaka
Nessa

CAROLINA
TU VAI LEVA UM VA
SE TU PIKA
O Q MARRA
FEM

Parlei
Abri
um
Filho
DO
#ber
DO
FISAI

Paula - 8
AMIAN
Daron -
ABONTOU
um
FILHO

ANDRE
Y
CARNICA
MARIANA - PRSTA
DA BEI
TIROU UM
FILHO DO
CRISTIANO
DO
FUTSAL

Andressa +
Y
Carnica
Best -
Pantava
Kluvo

Mama
Y
Donilo
é mesmo
tá
-t

ZUMMA
BisUMARH

denise
Maya ZUMMA
e
Yuri
Bruna
e
Ricardo

MAFIOSO
VIA

Bruna
Fulano
+1000



Banheiro em
Reparos...
Não usar!!
Obrigada.

